

Atenção básica

Hospitais e farmácias relatam falta de remédios; cirurgias são adiadas

— Unidades de saúde e pacientes enfrentam dificuldades para encontrar desde antibióticos até medicamentos de alto custo; guerra e lockdown chinês prejudicam fluxo

JOSÉ MARIA TOMAZELA
RENATA OKUMURA

Hospitais e farmácias de São Paulo e de outros Estados, das redes pública e privada, têm relatado falta de alguns medicamentos: de produtos básicos, como antibióticos e dipirona injetável, a remédios de alto custo, para doenças como lúpus, Guillain-Barré e Crohn. Entre os motivos, dizem as Secretarias de Saúde e entidades do setor, estão problemas no fornecimento pelo Ministério da Saúde e dificuldades de importação de insumos, por causa da guerra na Ucrânia, do lockdown na China e de movimentos de protesto de funcionários da Receita em portos e aeroportos. Gestores admitem a necessidade até de interromper tratamentos e adiar cirurgias não urgentes.

Conforme a Secretaria da Saúde paulista, dos 134 medicamentos distribuídos pela pasta federal, 22 estão em falta no Estado (17% do total). Em Minas, dos 256 remédios distribuídos pela rede estadual, faltam 51 (20%). Nesta semana, o Sindicato dos Hospitais, Clínicas e Laboratórios do Estado de São Paulo (SindHosp) alertou para estoques críticos na rede privada. Presidente do SindHosp, Francisco Balestrin diz que o cenário é grave. “O problema de abastecimento tem múltiplas causas, sendo a principal o conflito Rússia e Ucrânia, que dificultou importações e causou aumento dos preços dos insumos. Soma-se, ainda, a dificuldade de liberação nos portos e aeroportos.”

Segundo o sindicato, as queixas mais frequentes incluem falta de Dipirona injetável, que tem ação analgésica, da Ocitocina, usada em partos, e da Neostigmina, reversor de bloqueio neuromuscular usado em anestésias gerais. Também estão na lista de falta os aminoglicosídeos (Amicacina e Gentamicina), que são bactericidas, e imunoglobulina humana, usada no controle de distúrbios imunológicos e inflamatórias específicas, incluindo as síndromes de Kawasaki e de Guillain-Barré. Em fevereiro, a secretaria paulista e o Conselho de Secretários Municipais de Saúde do Estado (Cosems-SP) já haviam enviado docu-



Farmácias de SP estão sem alguns medicamentos básicos, como Amoxicilina e o xarope Mucosolvan

mento ao ministério sobre o abastecimento irregular. No último relatório da Coordenadoria de Assistência Farmacêutica da pasta estadual, de 12 de abril, constavam 19 medicamentos de estoque irregular.

Vice-presidente do conselho e titular de Saúde em Guararema, Adriana Martins diz que a falta de medicamentos também afeta pacientes com enfermidades autoimunes, como lúpus e doença de Crohn. “Temos casos de pacientes que foram obrigados a interromper o tratamento por falta desses medicamentos, e outros que não conseguiram sequer iniciar”, afirma.

Unidades de saúde particulares em São Paulo também relataram adiar cirurgias por causa da falta de medicamentos como a Neostigmina, relaxante muscular que ajuda pacientes a se recuperarem da anestesia. “É necessário para ajudar o paciente a voltar para o quarto após a cirurgia, mas já tem dois meses que não conseguimos comprar. O custo dele não chega a R\$ 10 o frasco, mas o substituto, Bridion/Sugammadex, custa quase R\$ 500. Fica difícil repassar para o paciente e, se a cirurgia não é urgente, é adiada”, explica Marcelo Carlos Godofredo, dirigente do Hospital Saint Nicholas, de Suzano, na Grande São Paulo.

Já o Hospital Santa Elisa, em Jundiaí, busca parcerias com

outros estabelecimentos para a troca de medicamentos em falta. “Isso foi feito durante a pandemia, com anestésicos e kits de intubação, e agora fazemos com outros medicamentos”, diz Marcelo Camargo, diretor-geral. Segundo ele, a escassez de insumos vindos da Europa e da China atrapalha. “O problema vem desde a pandemia e se agravou com a guerra. Houve aumento de preços.” O Hospital Sírio-Libanês, da capital, confirmou a falta de imunoglobulinas – “que é um cenário mundial” –, mas está conseguindo gerenciar sem prejuízo assistencial.

DIFICULDADES. A reportagem percorreu farmácias das zonas norte, sul e leste da capital paulista ontem e teve dificuldade para encontrar os medicamentos Novamox 400mg, Amoxicilina pediátrica, principalmente de 250mg, Deposteron 200mg e Noripurum 100mg (mastigável e injetável), usado contra anemias. “Já faz mais de dois meses que não tenho esses remédios na farmácia”, afirma Roberto Silva, de 25 anos, gerente da Droga Raia na Praça Silvío Romero, zona leste. O medicamento para tratamento hormonal, o Deposteron 200mg, está em falta desde o fim de 2021, segundo farmacêuticos. Só em duas farmácias foram localizadas uma ou duas unidades do remédio.

Desde o surto da gripe no fim de 2021, o antibiótico Novamox 400mg, que sai por R\$ 130, é outro medicamento que está em falta em muitas redes de farmácias das zonas norte e leste. Em farmácias do Brooklin, na zona sul, e da Vila Matilde e Ponte Rasa, na zona leste, somente algumas unidades estavam disponíveis ontem.

Em Sorocaba, a designer Liz Guedes relata situação semelhante. O Moripurum injetável, usado no tratamento de anemia, estava em falta em todas as farmácias da zona leste da cidade. “Consegui achar em uma farmácia da zona oeste,

Até em hospitais Sírio-Libanês, da capital, confirmou a falta de imunoglobulinas, mas gerencia o atendimento

pedi para reservar e fiz uma verdadeira viagem para buscar”, disse. Já o Resolor, indicado para constipação intestinal, só achou depois de procurar em uma dezena de farmácias.

Também de Sorocaba, a aposentada Eleni Segamarchi conta que, na semana passada, procurou o xarope Mucosolvan sem sucesso. “Foi a primeira vez que isso aconteceu, pois é um remédio muito básico.”

Dono de uma farmácia em Belo Horizonte, Francisco

Produtos em falta

- Dipirona injetável;
- Aminoglicosídeos (amicacina e gentamicina), que são bactericidas;
- Imunoglobina humana;
- Neostigmina, relaxante muscular que ajuda pacientes a se recuperarem da anestesia;
- Novamox 400mg;
- Amoxicilina pediátrica, principalmente de 250mg;
- Deposteron 200mg;
- Noripurum 100mg.

Emerlindo Dias reclama da falta de medicamentos desde janeiro e conta que seu faturamento mensal caiu em 8%. “Tivemos uma sazonalidade de gripe atípica em janeiro. O mês foi de escassez e dificuldade de atender a clientela.”

DEMANDA. Assessor do Sindicato do Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos de São Paulo (Sincofarma-SP), Rafael Espinhel diz que alguns medicamentos, como amoxicilina e paracetamol, estão com falta de matéria-prima porque a demanda global está maior que a capacidade dos fabricantes de China e Índia. Segundo ele, há, de fato, falta de medicamentos em drogarias, em São Paulo, “mas ainda não representa porcentual alto”. O Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos (Sindusfarma) informou não ter recebido, até agora, nenhum relato das indústrias farmacêuticas associadas sobre problemas na produção e distribuição.

Em nota, o Ministério da Saúde diz “trabalhar sem medir esforços, juntamente com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), para verificar as causas e articular ações emergenciais para mitigar o desabastecimento dos medicamentos”. Já as principais redes de drogarias falam em falhas pontuais. ● COLABOROU MARINA RIGUEIRA, ESPECIAL PARA O ESTADO

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Metrópole **Caderno:** A **Página:** 12